



# Sinofuturismo e a sina da esquerda

## Parte 1: Sinais

Hilan Bensusan<sup>1</sup>

### *A CISÃO DA ESQUERDA*

A esquerda sempre esteve cindida, rachada, dividida – e não porque é uma aliança de forças disjuntas, mas porque ela mesma é uma força disjunta. Talvez ela mesma seja possível apenas como uma incisão, como uma ferida aberta, deiscente, nunca suturada. A deiscência é aquela da crítica, não em função de uma alternativa construída, mas apenas orientada por um presságio. Por vezes o presságio se confunde com o que havia em um tempo passado, e a crítica parece um descontentamento com o que há de novo. Mas o presságio também é cindido, ele é um sonho, como dizia Oswald de Andrade, e também um protesto.<sup>2</sup>

A cisão que torna a esquerda dupla e ambígua, díspare e disparatada, residente numa oscilação, não é um produto da estereofonia que caracteriza suas vozes. Está em cada uma dessas vozes, todas elas são cindidas. De um lado, a busca de uma transformação do estado de coisas, de outro a busca de uma melhoria das condições de vida medida nos padrões mesmos do atual estado de coisas – ou, em outras palavras, por vezes apenas a busca da sobrevivência. A esquerda tem a frente da transformação sobre a da integração – revolução e acomodação. Assim,

---

<sup>1</sup> Dr. Hilan Bensusan, professor titular do Departamento de Filosofia, da Universidade de Brasília.

<sup>2</sup> Andrade, “A marcha das utopias”.

abolir o capitalismo – ou a economia em sua pretensa autonomia e imunidade – e, ao mesmo tempo, aumentar os salários, a renda, o poder de gasto de quem trabalha sob este regime produzindo as riquezas que o sustentam. Ou então: abolir o patriarcado – ou o cis-héteropatriarcado supremacista – e, ao mesmo tempo, redistribuir o poder patriarcal entre não-homens. Ou ainda: abolir o sistema de dominação racial e, ao mesmo tempo, acoplar nele os que foram intrinsecamente excluídos dele por meio de uma reforma da noção de ‘humano’ para que ela deixe de significar o mesmo que ‘colono’ mas mantenha a mesma capacidade imperativa. Em todo caso, a tarefa dupla pode parecer impossível – e cada uma delas já tem sua medida de impossibilidade. A acomodação é como misturar azeite e água, subir uma montanha com a pedra de Sísifo, secar gelo. A revolução é aquilo que está condenado à insuficiência: ela é espectral, repleta de possibilidades brutas e preparar-se para ela é como friccionar o imaginário e a vigília. Mas a revolução, e a acomodação, são ambas, e igualmente, urgentes.

### *ACUMULAÇÃO E DISPÊNDIO*

Uma fonte da cisão é cosmopolítica. É a linha que divide a promessa e a satisfação. Se cosmopolítica for a economia geral no sentido de Bataille, a cisão se dá na diferença entre acumulação e dispêndio<sup>3</sup>. Bataille observa que os salários dos operários soviéticos do final dos anos 1940 seriam inaceitáveis para o movimento proletário francês na mesma época. Os soviéticos estavam trabalhando para produzir acumulação, da parte do estado, e não para possibilitar seu próprio dispêndio, o aumento de sua renda. Havia que capacitar o estado, que aparecia como a forma coletiva, a poder cumprir promessas coletivas na urgência do presente e também no futuro. O projeto era um presságio de uma outra inteligência coletiva. Já os franceses estavam participando de negociações sindicais que procuravam diminuir a acumulação dos patrões – dispendendo o que seria retirado. O estado soviético, seguramente, era já parte dessa negociação sindical com os patrões (e seus representantes políticos). Nessa negociação, os trabalhadores franceses buscavam de alguma maneira uma satisfação: nenhuma promessa além do maior dispêndio é feita; o dispêndio é sobre agora. Para isso, é claro, é preciso aceitar o direito dos patrões a acumular e, assim, seu poder central na inteligência coletiva

---

<sup>3</sup>Bataille, *A parte maldita*. Sobre o modo como entendo a cosmopolítica consultar Bensusan, “Cosmopolitics as a taste for cunning”.

vigente; é assim que os patrões podem aparecer como aqueles que criam os empregos mesmos – como se o chão debaixo disso não tivesse sido pintado com as mesmas tintas. Com isso, ficam aceitos também o arbítrio dos soberanos acerca do que devem ou podem acumular os patrões e toda a força empregada para preservá-lo. A missão sindical é hercúlea: impedir a acumulação daqueles que, no sistema, tem o direito à acumulação protegida. Mais que hercúleo ou mesmo mais que secar gelo, a missão é de ser um entrave, de impedir a manivela que roda entre as forças políticas e o capital de rodar suavemente.

### *DIALÉTICA E DIVERGÊNCIA*

Há aqui uma tensão entre os indivíduos constituídos – agentes autônomos de um emaranhado ou componentes de uma agência distribuída – de um lado e o coletivo do outro. Os operários soviéticos fazem parte de um esforço convergente de concentração enquanto os franceses trabalham em uma divergência que é sempre difícil porque no limite é desmobilizadora. Sempre a partir da descrição dos dois polos tornada possível por Bataille, é possível ver um contraste entre esta convergência coletiva e esta divergência de classes. Pode ser que a divergência dê vazão a uma convergência posterior depois de uma revolução pela qual o sindicato, enquanto pede aumento de salário, não está lutando. Talvez a tarefa seja dialética, ou seja, contenha nela mesmo uma dialeiteia, uma contradição. Pois bem, talvez a cisão seja precisamente acerca de uma decisão dialética. Há porém sempre uma divergência no interior de uma decisão dialética? Se é assim, a revolução seria, se ela se parece em alguma coisa com o que viveram os operários soviéticos dos anos 1940 de Bataille, o exorcismo da dialética? De todo modo, se há duas verdades (*dialetheia*) e não apenas uma, cada uma dela pode forjar uma combinação com alguma outra. A dificuldade da dialética seria entender que há um amálgama entre duas coisas que são externas e mesmo indiferentes uma a outra. Esse amálgama, ou cada amálgama, não persiste no tempo. A esquerda, desde a emergência sui generis do evento chamado Marxismo, tem persistido nestas duas verdades e se assentou nelas; tanto assim que a possibilidade da revolução se tornou uma espécie de espantalho já que o que guia a esquerda é a demanda ilimitada ainda que cada vez mais fraca por mais e mais dispêndio, mais e mais perturbação na ordem estabelecida da acumulação do capital. A esquerda se tornou a

perturbação estabelecida, aquela que, para garantir uma bolha de dispêndio subalterno em um oceano de acumulação que de outro modo seria desenfreado, endossa que a liberdade termina quando começa a propriedade e que a igualdade não pode ser outra coisa senão a igualdade burguesa diante do (desigual) soberano – que aparece cega às desigualdades mesmas que a qualquer descuido escalam rapidamente.

### *A OUTRA ARTICULAÇÃO*

O partido comunista chinês renegociou esta cisão não mais em termos de divergência e perturbação mas em termos de uma nova hegemonia. Ao invés de tomar o dispêndio proletário como uma bolha no meio do oceano da acumulação de capital nas mãos privadas, tomar a acumulação de capital nas mãos privadas ela sim como uma bolha no meio do oceano da acumulação coletiva – que na China é o empoderamento estatal. Ou seja, nessa fórmula, é preciso mesmo que haja o oceano e que haja a bolha, e que a bolha seja permitida, endossada mas também pelo menos parcialmente controlada pelo oceano. É preciso que o oceano seja a acumulação – esta é a economia restrita que resulta da cosmopolítica do capital que tomou conta do mundo. Mas o oceano pode ser a acumulação coletiva que pode então, internamente, decidir acerca do dispêndio – decidir sobre o futuro e o presente dos que estão no coletivo. O fundo para qualquer figura passa a ser a acumulação coletiva, e não mais a acumulação privada e, assim, é nela que surge o dispêndio privado como figura ao lado da acumulação privada. A aposta é que, já na era do capital, a acumulação, e não o dispêndio, se impõe, a acumulação é o motor central do manejo do excesso e o dispêndio é uma figura que surge dela; na articulação chinesa, o capital segue em funcionamento e segue tendo a palavra final, mas muda de mãos – assim se aproxima do presságio de Marx e sacode a poeira de uma insistência na promoção de um atenuamento do ímpeto do capital que se tornou um costume dos seus herdeiros constituindo assim a esquerda como se conhece no ocidente. A transformação crucial é uma transformação política. Como consequência, não se compensa a acumulação privada com dispêndio (privado) mas com acumulação coletiva que se torna o fundo no qual a figura da acumulação privada aparece. No ocidente neo-liberal, o dispêndio se tornou um exercício privado e individual – a única compensação para quem é posto a fazer as vezes do corpo que o capital requer.

Na outra articulação, por outro lado, não há uma esquerda que impede ou perturba a acumulação privada, mas um partido comunista que a controla, do mesmo modo que os partidos hegemônicos do ocidente – incluindo os novos partidos que surgiram dos anos de combate neo-reacionário – controlam o dispêndio proletário. Há uma convergência entre os produtos da acumulação privada e os intentos da esquerda – do partido comunista chinês. A articulação não é completamente nova, seguramente. Nos anos keynesianos, o estado no ocidente não parava de produzir acumulação coletiva em linha com a acumulação privada e a esquerda insistia que mais espaços públicos fossem implementados: eletricidade pública, água pública, educação pública, saúde pública, equipamentos urbanos públicos. Porém o controle último estava nas mãos da acumulação privada que enxergava tudo isso como uma oportunidade próxima de cercamento e acumulação primitiva e buscava modos de retomar a hegemonia o que terminou fazendo com Thatcher, Reagan e a queda do muro de Berlim. Como o controle político último é da aliança entre o capital e os capitalistas – entre os modos de produção e a burguesia que a detém de um modo ou de outro – todo esforço por uma acumulação paralela não faz senão criar bolsões coletivos abertos ao cercamento futuro.

Alguns projetos de esquerda nos bantustões da ordem colonial apostaram precisamente na construção de um controle estatal das decisões das empresas, mas, ao manter pelo menos algumas estruturas da democracia burguesa, terminaram de modo violento e desastroso. A democracia burguesa aparece apenas na intermitência com o fascismo – ela tolera o maior dispêndio de pessoas proletarizadas enquanto indivíduos, não como classe, mas não tolera uma acumulação coletiva com força (política) para controlar toda acumulação. Se na metrópole esta vida anfíbia dos governos – democracia burguesa intercalada com fascismo – se tornou capaz de uma certa suavidade de transição em que eleição e polícia, participação e imprensa corporativa e equipamento coletivo e privatização convivem quase que simultaneamente, nos bantustões da ordem colonial as transições precisaram ser mais violentas. O peronismo, por exemplo, pretendia submeter as empresas privadas a uma ordem de acumulação coletiva gerida por um estado sem emprender uma revolução e sem desinstituir a maior parte dos elementos da democracia burguesa. A Argentina sofreu uma concentração de renda – diminuição do dispêndio proletário – vertiginosa em resposta a ampliação peronista do dispêndio e dos espaços públicos. A resposta foi promovida por sucessivos golpes militares – 1955, 1962, 1966, 1976 – acompanhados de violência crescente que lutaram contra as estruturas de acumulação coletiva e, no limite, contra o próprio dispêndio proletário

para garantir acumulação privada. Se pensarmos também em casos como o do Chile, talvez fique claro como a governança da democracia burguesa não possa fazer outra coisa que permitir uma esquerda que promova o dispêndio individual proletário e que os exercícios de acumulação coletiva sejam prelúdio à futura acumulação (privada) primitiva.

Em contraste, a outra articulação está do outro lado de uma revolução que colocou ao seu serviço as forças do estado e impediu as estruturas de uma democracia burguesa. Se a aposta de Marx é que o capital conduzirá a transformação revolucionária do mundo, o futuro projetado pela China é o de um capitalismo que gradualmente transmite suas forças para o coletivo proletário. Mas gradualmente. A aposta de Deng Xiaoping é que o processo não termina com a revolução – ela mesma não termina de criar as relações sociais de produção em linha com o que as forças produtivas capitalista propuseram, ela apenas modifica a estrutura do poder político – a hegemonia. Nem os produtos do capital são franqueados inteiramente ao dispêndio proletário e nem a direção da acumulação é inteiramente determinada pelo coletivo comunista, mas a acumulação privada é cerceada, gerenciada, manejada. Perón estava certo, é preciso conviver com a acumulação privada, porém estava errado: na democracia burguesa qualquer outra força é solapada já que a macropolítica nunca deixa de ser um exercício de secar gelo. A revolução talvez seja estritamente política: livrar-se dos mecanismos da soberania burguesa. Mas como fazê-la?

### *NEO-CAMERALISMOS*

A realocação de Nick Land na China é uma pista irresistível para pensar o sinofuturismo. Pois bem, de uma posição segundo a qual o capital forjaria a destituição por derretimento de todas as estruturas do sistema de segurança humano que ele endossava antes de partir para a China, Land aderiu, durante os primeiros anos da era neo-reacionária, ao neo-cameralismo tal como proposto por Mencius Moldbug e defendido implícita ou explicitamente por muitos expoentes da nova reação<sup>4</sup>. O neo-cameralismo desespera da democracia burguesa – e este é seu ponto

---

<sup>4</sup> Moldbug, Unqualified Reservations

de partida em confronto com os libertários de mercado e em redirecionamento com respeito aos anarco-capitalistas. O desespero não é alheio à experiência da esquerda: também para aqueles que querem se livrar de todas as demandas da esquerda, a democracia burguesa termina por propor apenas que se seque gelo pois as demandas podem ser repostas e saírem outra vez vencedoras. A ideia neo-cameralista seria acabar de uma vez por todas com a perturbação e a divergência da esquerda acabando com o estado soberano e com a soberania do estado: não há mais estado que preside sobre todas as propriedades privadas desde fora e não há mais qualquer soberania de qualquer um sobre qualquer coisa a não ser aquela que é oferecida pela propriedade privada. A imanência do mercado é soberana – sem ser molestada ou direcionada pela soberania transcendente de algum soberano com uma coroa que o dinheiro não compra. As funções do estado seriam mantidas mas exercidas por companhias administradoras que recolheriam não mais impostos mas taxas de serviço. A acumulação privada seria então soberana e inabalável. Ao invés de por o público e o privado à serviço da acumulação, a ideia é por o público a serviço do privado – a serviço da acumulação. (É difícil pensar que essas ideias de domínio completo do mercado não foram gestadas pela conversão da esquerda em uma força de dispêndio que deixou a revolução no capital cada vez parecer mais como um braço atrofiado diante do braço da promoção do consumo.) Quem aceitaria a ditadura do proletariado no mundo atlântico; na China o partido comunista pode assumir toda a soberania, mas no ocidente, os soberanos burgueses estão longe de se entregar e se aquartelam na democracia burguesa. Pois bem, o neo-cameralismo é uma maneira de aposentar essa fricção entre mercado e estado, mas pelo lado oposto.

A imanência chinesa é feita pela fusão de mercado e estado pelo amálgama do partido. O partido não enfraquece o mercado e nem impede o capital de fluir, mas faz uso de sua força e canaliza suas correntes. Ao invés de resistir, direcionar o ch'i, fazer o fluxo do dinheiro ir na direção que vai ser conveniente para a acumulação no fundo central do proletariado. A pressão comum é a da fusão, colocar em linha a força do estado e a força do mercado – ao invés de duas economias restritas, uma conduzida pela acumulação e outra pelo dispêndio, ter uma economia unificada. O caminho da unificação é também o caminho que está em linha com as forças também cosmopolíticas que promovem a artificialização do mundo já que em certo sentido a macropolítica como é feita na democracia burguesa resiste à artificialização. Despolitizar, ou antes, despolarizar, fazer convergir, já que a artificialização do mundo é também a promoção de uma imanência. Trata-se de encontrar modos



para que os fluxos estejam em linha. O neo-cameralismo é uma figura do sinofuturismo, nesse sentido; ao invés de contrastar o partido único com muitos partidos em confronto, contrastá-lo com nenhum partido. A disputa fica sendo não entre um e muitos mas entre um e zero. Na época da União Soviética, a resposta do ocidente era a liberdade partidária já que o partido soviético era do tipo que proibia; pois então que floresçam os brotos sufocados. A era do sinofuturismo é também a era não mais da repressão, mas de Skinner. É preciso reeducar o mercado para que sua acumulação contribua com a acumulação coletiva – no polo chinês. Ou então é preciso usar os recursos de mercado eles mesmos para gerir toda a acumulação: se a melhor mão é invisível, que ela seja coroada – no polo neo-cameralista. Trata-se de suprimir a repressão, torná-la desnecessária por meio de reforço e redirecionamento. A China aponta para a possibilidade de que os capitalistas não sejam nem extintos e nem cercados de proibições para que seus instintos incontroláveis sejam domados – mas antes, que eles sejam constantemente reeducados em um sistema que tem que ter o poder (político) de oferecer encorajamentos. Ao invés de assumir que a sanha dos capitalistas por multiplicar o capital é uma chaga, a China propõe esmiuçá-la: a multiplicação pode ir bem se acoplada a uma orientação coletiva.

### *DUAS DISPUTAS*

Há, nessa vizinhança, duas disputas entrelaçadas. Uma disputa, cosmopolítica, entre acúmulo e dispêndio, e uma outra acerca de quem acumula o que foi acumulado e quem gasta o que vai ser gasto. Talvez a segunda seja a expressão da luta de classes na democracia burguesa. Porém uma primeira pergunta com respeito ao acoplamento da segunda na primeira diz respeito a quem se beneficia da acumulação e do dispêndio, indivíduos, famílias, clãs, tribos, aldeias, cidades, países? E essa decisão é da alçada de quem? É imanente? Já a disputa entre acúmulo e dispêndio, orienta a fricção entre revolução e integração. A questão é sobre o quanto se pode esperar – e daí as outras questões, quem pode esperar mais, quem decide quanto cada parte pode esperar e quem decide quanto todas as partes podem esperar, quando uma urgência se forma.

As posições tomadas nessas disputas entrelaçadas são acerca das urgências – e acerca da administração do tempo. Não se trata apenas de como partilhar o que está presente, a partilha é anacrônica, ela se expande para além dos que estão vivos e com a boca aberta agora.

### *COSMOPOLÍTICA CONTRA O ESTADO*

Eduardo Viveiros de Castro fala de uma “cosmologia contra o Estado”,<sup>5</sup> indicando uma maneira de estar entre as coisas em que a governança não pode ser arrancada de uma situacionalidade comunitária. Mais do que uma sociedade que combate o Estado, como aquelas que descreveu Clastres, uma tal cosmologia conjuraria os elementos extra-humanos, e talvez extra-sociais, que conspiram permanentemente contra a instituição e manutenção de alguma coisa como o Estado. Poderíamos pensar também em uma cosmopolítica contra o estado envolvendo, por exemplo, uma acumulação coletiva que servisse não para fornecer combustível para a governança através do Estado, mas para desinstituí-lo. Ou seja, um esforço de uma sociedade, incluindo seus pesadelos, seus temores, suas paisagens e seus modos de usar o pensamento, para intensificar os elos múltiplos e mutantes que formam a comunidade em direção a um exorcismo da governança estatal. Uma cosmopolítica que seria aquela do esforço das estruturas comunitárias em não deixar o estado emergir de suas sobras – e nem sequer da acumulação coletiva que é, talvez, um dispêndio para além daquilo que aparece como presente agora. Se a acumulação privada é friccionada não pelo dispêndio (privado) mas pela acumulação coletiva, aquilo que sobra simplesmente é coletivo e governado pelas comunidades em cada uma das situações em que elas se encontram.

O neo-cameralismo ensina como encontrar vias para o pós-estado. Se o diagnóstico necropolítico é que o estado sucumbiu e sobraram apenas seus escombros espectrais – por exemplo, já que o estado não pode mais ser descrito pela forma de qualquer contrato – trata-se de pensar sua pós-vida. A concentração de poderes e riqueza na mão de um soberano pode ser, de forma suicidária, uma maneira de

---

<sup>5</sup>Viveiros de Castro, “O intempestivo, ainda”, p. 256.

implementar a governança exorcizada de estado. Porém o neo-cameralismo prega privatizá-lo. A alternativa para pensar um pós-estado que não seja um paraíso corporativo mas antes uma rede de governanças comunitárias situadas vigilantes que promovam e gerenciem a acumulação coletiva é pensar a sua fragmentação em distritos que atuem como comunas. O problema que surge então é que a acumulação parece ter um sede de unificação, uma pulsão pelo um, pelas sucessivas incorporações. É aqui que cabe ativar a força da permanente exconjunção do um que invoca também Clastres: a força que redireciona a unificação, que a conduz para outras paragens, que a realoca, a associa com algo diferente que permite uma recomposição. Aqui haveríamos que pensar também em reeducação mais do que em repressão – em um reforço permanente que evite o atrator da unidade. O neo-cameralismo pode ser entendido como oferecendo uma outra lição, a lição de que a propriedade soberana e o estado soberano são aparentados – como já insinuava de alguma maneira Clastres. A corporação abriga um devir-estado. Se é assim, o processo chinês parece apontar para uma insuficiência. Há um passo a mais que essa insuficiência prefigura: o passo de entregar a acumulação coletiva em mãos que combatam a sanha da unificação.

### *MESSIANICIDADE*

Jacques Derrida escolheu desenvolver sua noção de messianicidade em um debate com alguns nomes do marxismo mundial do fim do século XX (Pierre Macherey, Terry Eagleton, Aijaz Ahmad, Frederic Jameson, Toni Negri entre outros) em torno da recepção de seu *Espectros de Marx*.<sup>6</sup> Derrida deixa claro que messianicidade não é utopia, e nem messianismo, mas que é uma condição (quase-)transcendental para essas coisas. A messianicidade é alguma aposta no que vem que conduz o que se faz – acumular para um melhor dispêndio futuro, talvez em um processo de adiamento indefinido. A messianicidade é o trato com um futuro indefinido – um trato com um futuro indefinido que deixa marcas no futuro indefinido e portanto um futuro menos indefinido. A messianicidade é o que torna possível também a hiperstição – a produção de eventos futuros por meio de ações e crenças. Um instituto político – um partido, uma comunidade, um país, os agentes do mercado – pretendem

---

<sup>6</sup>Derrida, “Marx and Sons”.

constituir uma messianicidade. Isso quer dizer administrar expectativas, urgências e tempos de espera. A acumulação, e a recusa ao dispêndio, não seria uma escolha possível se não houvesse messianicidade – a messianicidade é, talvez agregado ou talvez mais do que o excesso ele mesmo, a condição de possibilidade de administrar qualquer coisa para que seja deixada para depois.

A China desde Deng Xiaoping criou um sistema de acumulação coletivo que incorpora as acumulações privadas reorientando-as, ao invés de substituí-las. O que se chama sinofuturismo é também a perspectiva de que este modelo não apenas marque o tempo que vem mas também seja adotado no tempo que vem. Porém, adotá-lo é transformá-lo. Ele é um modelo, um protótipo, um ponto de partida. Talvez seja o nome da acumulação adotada pela esquerda que incorpora a acumulação privada e que consiga não deixa-la fora de controle. Adotá-lo seria fazer da esquerda uma luta por um novo regime de acumulação, um novo instituto de messianicidade. Se a resposta da direita atlântica é abolir o partido e distribuir a messianicidade pela imanência do corpo do mercado, a alternativa da esquerda pode ser parar de pensar na transformação urgente em termos de dispêndio. Afinal, a luta de classes não é sobre quem chega primeiro às batatas.

## Parte 2: Da Neo-China

Carlos Henrique<sup>7</sup>

菩提本非樹，  
明鏡亦非台，  
本來無一物，  
何處惹塵埃。<sup>8</sup>

Huining (638-713).

### *PÓS-MODERNIDADE E MUDANÇA DE EIXO*

Nesse instante de acumulação de capital e desenvolvimento auto-sofisticante, é no *surf* da aceleração que distintos contextos são capazes de perturbar a ordem neo-colonial característica da modernidade. Nick Land ficou célebre ao pensar esse potencial de derretimento do Capital como uma expansão incondicional para enfim a saída desse “pré-capitalismo”, mas Gilles Deleuze e Félix Guatarri já apontavam as possibilidades de linha de fuga a partir dessa dinâmica intrínseca:

*“Nunca se lutou contra a sociedade de consumo, essa noção imbecil. Dizemos, pelo contrário, que nunca houve consumo bastante, que nunca houve artifício suficiente: nunca os interesses passarão do lado da revolução se as linhas de desejo não atingirem o ponto em que*

---

<sup>7</sup> Carlos Henrique de Carvalho, graduando do Departamento de Antropologia, da Universidade de Brasília.

<sup>8</sup> “Bodhi não é árvore, espelho limpo não é espelho. Não há uma única coisa. Como pode acumular poeira?”

*o desejo e a máquina são uma e a mesma coisa, desejo e artifício, ao ponto de se voltarem, por exemplo, contra os chamados dados naturais da sociedade capitalista.”<sup>9</sup>*

Hiroki Azuma considera “*pós-modernização*” como essa temporalidade distinta que o Japão viveu na saída da Segunda Guerra Mundial. A espécie de escape do empreendimento falido de saída *prometeica* da modernidade. A fuga radical promulgada por uma certa guerra total pensada por figuras da Escola de Kyoto se tornou aquilo que Yuk Hui nomeou como “fascismo metafísico”, a saída agora é pela porta da frente, mas dessa vez não sob uma tradição (como o foi o Japão do Eixo reivindicando o passado imperial, nacionalista, etc), mas sob a dinâmica *sexy* e rápida do capitalismo. Os samurais do Edo e do passado violento estarão entre nós, mas amalgamados em formatos de animação, *zaibatsus*, etc. Azuma sugere que até a animação japonesa, célebre e famosa globalmente, é o fruto da tentativa do solo japonês buscar “domesticar” a americanização imposta após a enorme influência que o ocidente acabou gerando no país após os terríveis episódios no término do conflito.

O que gostaria de sugerir é que esta nova forma de um Capital hiperfluido pode ser “gerido” conforme o nível de *política* que os diferentes estados nacionais são capazes de produzir. Burocracia, controle, poder judiciário, etc. Um nível menor ou maior do quão as burguesias nacionais suportam os representantes políticos (em alguns casos, vice-versa). Pode parecer uma equação simples, mas compreende formas mais complexas de contato a partir do momento em que esse *derretimento* avança em um processo singular.

Os tigres asiáticos desde o final do século XX empreendem algum nível de influência do Estado em seus fatores econômicos: os casos do Japão onde desde a sua reconstrução nutriu multinacionais - *zaibatsus* - de enorme valor, como o da Coreia do Sul e um também f Estado forte que promoveu as inserções do país na economia global e até no cenário *soft power*. A China é quem faz isso de maneira mais explícita com uma estrutura de Estado unipartidária, de assembleias populares, unificando por completo esse sacrifício do político em prol do

---

<sup>9</sup> Dossiê Capitalismo e Esquizofrenia, 1976.

produtivo. O Japão da chamada pós-história de Alexandre Kojève é resultado direto da forma hiperfluída de sua reorganização econômica a partir da década de 1980, resultado especialmente por uma nacionalidade constrangida pela derrota da década de 1940. Essa articulação de que alguns contextos nacionais por via desses empreendimentos temporais econômicos possibilitam pensar novas particularizações das próprias formas estruturantes do capital <sup>10</sup>é onde também situamos o *sinofuturismo*.

Yuk Hui percebe o fenômeno chinês como certa desconstrução de Carl Schmitt. O conceito schmittiano de *político* foi disseminado intensamente no decorrer do século XX, até como certo *modus operandi* dos vitoriosos. Jacques Derrida desconstrói essa noção em “*Políticas da amizade*” onde inaugura uma diferença na ontologia entre amizade e comunidade para pensar outra forma de relação que não implique em amigo-inimigo como fundamento base para a política (como é para Schmitt). Derrida pensa em uma política da hospitalidade. Sempre incondicional e incalculável (o que chamamos de amizade).

“Espectros de Marx” (1993) também de Derrida marca aquele campo que conseqüentemente tomou asas sombrias e alçou novos espaços de acosso, os espectros tratados por Derrida influenciaram uma série de pensadores a articular uma certa espectrologia, um novo campo de análise que também se dedica a pensar esse elemento disjuntivo da modernidade, esse tempo “fora do eixo”, esse fenômeno de uma ontologia que pode vir a ser sem necessariamente existir fisicamente.

Se a modernidade produziu espectros em diversos episódios históricos, esses futurismos também alçam projetos alinhados com os acossos que esses fantasmas produzem, a política indígena de certa maneira é acossada constantemente pelos resquícios dessa experiência terrível dos dispositivos coloniais sobre a condição das suas cosmologias. Davi Kopenawa ao tratar dos *xapiri*, espíritos da floresta que representam um acesso ao conhecimento completamente distinto daquele notado pela modernidade como racional, científico, *kantiana*, relembra aquela percepção espectrológica importante para um terreno nacional, situando a marcação cosmopolítica que esses fantasmas acabam gerando. Um afrofuturismo também lida com um passado assassinado, vitimado, que agora serve como extensão para o futuro, dinamização de um

---

<sup>10</sup> Ver “O que vem depois do Iluminismo?” de Yuk Hui.

horizonte. É sob esse sentido também espectral que se pode pensar um sinofuturismo que se reorganiza entre esse instante de modelamento de um novo tempo.

### *ESCAPANDO DO PARQUE HUMANO*

O filósofo japonês muito próximo do pensamento de Derrida, Kojin Karatani, articula esse instante histórico a partir do diagnóstico onde a soberania precisa ser entregue como dádiva, no sentido de Marcel Mauss. A condição dessa organização geopolítica seria a abolição da soberania ou a abolição dos Estado-nação. Uma Terceira Guerra Mundial seguida de um órgão internacional mais forte que a ONU poderia promover um novo tipo de governança dessa maneira, Yuk Hui já visualiza <sup>11</sup> esse tipo de reforma a partir dos exemplos da política de refugiados de Angela Merkel e “um país, dois sistemas” de Deng Xiaoping. O caminho de Xiaoping incorporaria elementos potenciais ainda mais interessantes que o sistema federativo. É nesse aspecto característico dessa condição histórica que a China vivenciou o que identificamos como particularidade dessa forma de governança.

A modernidade pode ser vista mais como uma espécie de eixo temporal e fluxo de *monotecnológico* do que apenas um tempo ou *fase* histórica. O dilema de outros contextos sempre foi: se não há nem produção, como socializar a miséria? O maoísmo e as décadas de socialização brutal empreenderam esse tipo de dilema para uma nação continental como a chinesa. Enquanto isso até certo Karl Marx <sup>12</sup> já se entusiasmava com o potencial de derretimento que a modernização empreende em certos contextos. A principal busca que se pretende criar a partir do diagnóstico do sinofuturismo se empreende por aquilo que se enxerga como “pós-modernização”. A definição de Azuma para o

---

<sup>11</sup> “Cem anos de Crise” em “Tecnodiversidade” (2020) de Yuk Hui.

<sup>12</sup> “...em geral, o sistema protetor de nossos dias é conservador, ao passo que o sistema de livre comércio é destrutivo. Ele quebra antigas nacionalidades e empurra o antagonismo entre o proletariado e a burguesia um ponto extremo. Em uma palavra, o sistema de livre comércio acelera a revolução social. É neste sentido revolucionário apenas, senhores, que eu voto a favor do livre comércio.” (MARX, 1848).



contexto japonês é interessante e concentra a velha visão pós-estruturalista de uma economia encharcada de libido, desejo, semiótica e todo tipo de rastros dessas sociedades aceleradas.

Esses novos rearranjos de ordem geopolítica já pré-anunciam uma economia que se desloca do centro do dólar e da hegemonia estadunidense como também até inova em certo sentido cultural. Fenômenos como a onda *Hallyu* da Coreia do Sul ou da própria cultura *otaku* pesquisada por Azuma assumem essas novas ondas e fluxos culturais que antecipam uma orientalização. Todo gênero cyberpunk *par excellence* tem um *q* com contextos asiáticos, um entendimento futurista que as cidades e centros urbanos serão concentrações de uma nova globalização. A orientalização não escapa dessas representações fictícias desses futuros.

O Capital deslocou para outro centro produtivo. Sairá de lá o socialismo, como proposto pela própria força política da nação? As reações ocidentais (e de esquerda principalmente) como a própria disputa sobre que tipo de economia política vigora no projeto chinês atual é de certa forma um resultado dessas cisões e transformações temporais na própria significação da esquerda. Que os chamados neorreacionários e a direita alternativa se tornaram muito mais radicais em termos de *práxis* do que alguns partidos comunistas do ocidente já temos a empiria e a história recente para certificar<sup>13</sup>, mas outra transformação já apontada no texto é interessante de se pensar: o ecologismo e o ambientalismo vulgar e liberal influenciaram as duas últimas décadas de uma esquerda tomada por um elemento *anti-produção*, um entendimento que o socialismo ou uma superação pós-capitalista viria muito mais nos termos de um anti-industrialismo voraz do que a sofisticação e tomada de poder dos próprios elementos de produção (trabalhadores, meios de produção, terra, etc).

Não se pretende de forma alguma tecer um tipo de proletarianismo anti-ecológico, mas também notar certos caminhos que as sociedades pós-industriais e seus grupos radicais se organizaram politicamente. Há pelo menos duas décadas que o eixo *trabalho* não parece ser o grande foco para as discussões antissistema. Mark Fisher e seu ótimo “Deixando o castelo do vampiro” (2013) aponta outras críticas também

---

<sup>13</sup> É bem curioso que nos dois contextos laboratório da insanidade influenciada por essa “nova direita” (Brasil e EUA) tenha ocorrido episódios de tentativas de levante prático e invasão dos centros dos poderes. Uma versão com mortes no capitólio estadunidense e invasões nas três grandes sedes políticas do Brasil.

relevantes para articularmos essa ideia. Pelo menos grande parte da institucionalidade do campo da esquerda se tornou aquilo que é *adotado* pelo sistema de *feedback*, é a irritação que geralmente tende a ser a “perturbação estabelecida”.

Moncius Moldbug ou Nick Land tecem todo tipo de crítica voraz à chamada “cultura woke”, ultraprogressismo do Partido Democrata e a sanguinolência torpe da dinâmica de interferências estadunidenses em solos estrangeiros sob a máscara de “nação mais democrática no mundo”, percepções também adotadas por certa esquerda que ainda se prende na denúncia anti-imperialista. A questão é que para ordem de *status quo*, a emergência da radicalidade política atualmente se encontra muito mais sufocada sob diversos aparatos burocráticos e de ordem institucionalizada do que como possibilidade *real*. Os vícios de controle e poder característicos do século XXI se introjetam profundamente em toda cultura política que empreenda algum tipo de anti-capitalismo. Pensemos o seguinte: abraçar o controle ou ainda nos alinharmos à ruptura e à dissolução?

A cisão das esquerdas ocidentais ainda empreende certa crítica moral ao capitalismo, não compreendendo sua organização operante largamente libidinal e auto-sofisticante<sup>14</sup>. Como já apontado, a reação dos NRx e da própria ascensão desses movimentos de aceleração sejam resultado direto do quão impactante foi essa descoberta de uma outra face da globalização – da própria aceleração nos contextos asiáticos. Há também uma tomada de consciência mais infeliz para o pensamento ocidental: a da própria inevitabilidade do controle como horizonte organizativo deste Parque Humano nesse instante histórico. Parece que é Land que se torna mais consciente de uma impossibilidade de reversão do quadro político a nível ocidental e a inescapabilidade desse pântano repressivo. Seu exorcismo da democracia nutrido em textos como

---

<sup>14</sup> Mas a máquina capitalista, à medida que se estabelece sobre as ruínas mais ou menos longínquas de um Estado despótico, encontra-se numa situação totalmente nova: a descodificação e desterritorialização dos fluxos. Não é de fora que o capitalismo enfrenta essa situação, pois ele vive dela, nela encontra tanto a sua condição como a sua matéria, e a impõe com toda sua violência. [52] [...] O capitalismo instaura ou restaura todos os tipos de territorialidades residuais e factícias, imaginárias ou simbólicas, sobre as quais ele tenta, bem ou mal, recodificar, reter as pessoas derivadas das quantidades abstratas. Tudo repassa ou regressa, os Estados, as pátrias, as famílias. É isto que faz do capitalismo, na sua ideologia, “a pintura mesclada de tudo aquilo em que se acreditou”. [53]

“Iluminismo Sombrio” (2013) quer desacoplar a política do controle dos mercados, quer assumir o sentido Hobbesiano e regulador que esse sistema-mundo produz.

Pode ser que Deng Xiaoping não o fez consciente, mas quando o PCC desregulou o controle estatal e abriu setores produtivos (como as Zonas Econômicas Especiais) conduzindo as chamadas 4 modernizações, ele fecha uma nova hegemonia política sobre essa produção. Capitalismo nunca tratou apenas de liberalismo ou uma suposta liberdade, mas surfa conforme as territorialidades permitidas se apresentam como terreno fértil. O cunhado “maior aceleracionista da história” (definição de Yuk Hui para Deng, embora em seu texto mais recente “100 anos de Crise” já teça elogios ao estadista) organiza uma nova forma social e política que superando o molde liberal ocidental de nação-estado, consegue fechar politicamente em um só partido uma forma de coletivismo altamente nacionalista ressoando formações despóticas.

O potencial da produção e da acumulação privada até podem vir a existir, mas sob condições *socio-históricas* e até destinatárias únicas, seja no auxílio da erradicação da pobreza seja na socialização prevista para ser realizada totalmente em 2049. A Unidade chinesa é construída pelas vias digitais. Tecnologia e ciência nunca foram tão indispensáveis para a edificação dessa sociedade. Uma consciência nacional dessa certa “destinação”, planejamento, edificação, é um fator central para se almejar esse nível de organização social que ainda empreende tradições como pátria e nação, mas sob um destino um tanto distinto. No discurso “Persistir e desenvolver o socialismo com as características chinesas” de 2013, a frase de Jinping pode ser interessante.<sup>15</sup>

Se a revolução for apenas o exorcismo da política e a busca por novos meios de controlar essa força monstruosa como Capital, os Neorreacionários e a extrema direita libertária são agentes desse processo que estamos conduzindo como pós-modernização ou fim da

---

<sup>15</sup> “É o socialismo enraizado em terras chinesas que reflete o desejo do povo e atende às exigências do desenvolvimento do país e da época. É também o único caminho para a construção de uma sociedade moderadamente próspera em todos os aspectos, **a aceleração da modernização socialista** e a concretização da grande revitalização da nação chinesa.” (JINPING, pág. 25)

globalização unilateral. São sintomas de um processo maior: o definhamento dos próprios Estado nação e da história política do Ocidente dos últimos trezentos anos. O racismo virulento compartilhado por esses componentes também expõe o fracasso inevitável da sua própria operação primária, o iluminismo. Diante o terror desse “sopro” de uma “nova direita”, permaneço com Hui em sua crítica aos NRx e a completa infelicidade de se depararem agora com um mundo global.

Como o próprio texto aponta, a saída neocameralista e a percepção de Moldbug e Land partem de um diagnóstico claramente crítico e consciente sobre a influência da burguesia e dos acumuladores nessa estagnação corporativista e oligarca. Os NRx e neocameralistas entram em concordância com a esquerda ao perceber o poder imparável da soberania (o espírito hobbesiano da nossa organização) e a inevitabilidade do poder. Logo, conceda ao poder mais capacitado, melhor gestor, melhor condutor dessa empreitada. No ocidente, até podem ver esses resquícios de “melhor condução” na imagem de bilionários entusiastas da pura desregulação, mas preenchidos até os ossos de burocracia e do poder sombrio operado por organismos de controle. Na China, vê-se o Partido Comunista Chinês como esse gestor. Singapura é talvez um desses lados mais célebres de exorcismo, onde o mercado e o poder produtivo se intensificaram também com a ascensão de Lee Kuan Yew e o desenvolvimento acelerado de uma das nações mais ricas do mundo.

Aqui nos aproximamos daquilo que acredito o que seja o que melhor define certa gênese da natureza dessa dinâmica capitalista chinesa e de que maneira o socialismo foi a edificação oportuna e perfeita para a formação de uma nova forma de economia, pelo menos um novo modo de governança. Os motivos de Land admirar a China podem até se concentrar na identificação de um capitalismo mais alucinante, sendo agente ativo nessa história de aceleração e derretimento, mas Anna Greenspan, também antiga componente da CCRU e agora residente também em Shangai revela uma *harmonia* mais intrínseca nessas formas de um Estado aparentemente autoritário, essa dinâmica descentralizada dos mercados e sua intensa interatividade.

A preocupação periódica desse modo produtivo, alinhando futuros de maneira quase centenária (projetos maiores, uma economia de ultra planejamento) compõe um pouco certa economia antecipada, isso em casamento com núcleos urbanos e inventividades de zonas

industriais produtivas. Greenspan aponta certo “renascimento da modernidade”, um sentimento implícito no futurismo da Xangai do século XXI como algo que reativa uma época passada — aquece as fábricas e os conglomerados urbanos e cinzentos com o fogo do derretimento. Uma memória nostálgica da “idade de ouro urbana” das décadas de 1930 e 1940 se mistura com o planejamento socialista naquilo que se distingue da maneira temporal “comum” que o projeto moderno empreendeu.

Forças contraditórias nesse turbilhão supostamente conflituoso, mas que gerariam aquilo que Greenspan vê como “cidade do futuro”, uma vontade autoritária guiada pelo desejo controlador de vislumbrar, dominar, visualizar o que está por vir e planejar o próximo curso e conseqüentemente a inevitável interrupção contracultural produzida pelas dinâmicas espontâneas da cultura cotidiana, das ruas. A tensão fundamental entre o “desejo do planejamento” característico de um futurismo projetado e o conhecimento do que é o futuro — por sua própria natureza, impossível de traçar — é fundamental para aquilo que Greenspan acredita ser o cerne da metrópole moderna, Xangai.

Talvez coisa similar possa ser vista nos cenários melancólicos e pós modernos das produções cinematográficas de dois contextos em especial: a Hong Kong de Wong Kar Wai, banhada da iluminação neon e da melancolia das relações, para a Taiwan de Edward Yang, talvez com as melhores produções do que seria um tempo pós moderno, da vida urbana, cotidiana e movida ao medo do terror externo. O extremo oriente se desloca para aquilo que todos os cenários *cyberpunk* anteciparam em suas produções hiper futuristas e com capacidade hipersticiosa exemplar: se tornarem os grandes centros e megalópoles do futuro.

Aceleração é tempo tecnoeconômico e se estamos tratando de uma nova forma de organização temporal, se vislumbra também uma forma completamente nova de governança. Há uma reorganização de ordem cósmica. As denúncias de Yuk Hui de uma China que cada vez mais se “automatiza” como lugar de drones, ciborgues e máquinas artificiais revela um diagnóstico interessante de certo fenômeno que Land também nota: uma reformulação estrutural do eixo temporal do próprio *telos* da sua história e cultura. Os resultados disso são evidentes no que Hui visualiza como um esquecimento da *cosmotécnica* e o esvaimento daquelas tradições ancestrais puras de um passado. Com um certo Land gargalhando ao fundo, o Capital segue e ainda funciona como toxina no solo chinês, algo que quando impregnado não possível de traçar e que

nessa troca Fáustica ofereceu a edificação nacional de um projeto com claros interesses nacionalistas, mas apenas componente desse derretimento já inconsciente e expansivo do Globo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRADE, Oswald de. “A marcha das utopias”, *O Estado de S. Paulo*, caderno/coluna: 3º Caderno, jul-set, 1953.

BATAILLE, Georges. *A parte maldita*, traduzido por Julio Guimarães, São Paulo: Autêntica, 2013.

BENSUSAN, Hilan. “Cosmopolitics as a Taste for Cunning: : The Plural of Otherwise and the Principles of Stereoscopy,” *Das Questões*, 13, 2021, 30-45.

DERRIDA, Jacques. “Marx and sons”, in: Sprinker, Michael (ed). *Ghostly Demarcations: A Symposium on Jacques Derrida’s Spectres of Marx*, London: Verso, 1999, pp. 213-269.

MOLDBUG, Mencius. Unqualified Reservations, <https://www.unqualified-reservations.org/>, acessado em outubro de 2023.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “O intempestivo, ainda”. In: P. Clastres. *Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac Naify, pp. 297-361.

DELEUZE, Gilles. Guattari, Félix. “Dossiê: Anti-Édipo, Sociedade Editorial e Distribuidora Lda, Lisboa (1976)

DELEUZE, Gilles & Guattari, Félix. (2010). *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34.

JINPING, Xi: *A Governança da China*, 2019.

MARX, Karl: Sobre a questão do livro câmbio, 1848. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1848/01/07.htm>